













2<sup>o</sup> Volume  
Anno de 1886

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 3 DE JANEIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II-N. 53.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

## SUMMARIO

|                                       |                  |
|---------------------------------------|------------------|
| Expediente.....                       |                  |
| Leia-se.....                          | A EMPREZA.       |
| Historia dos sete dias.....           | V. MAGALHÃES.    |
| O nosso 1 <sup>o</sup> anniversario.. |                  |
| O inimigo.....                        | L. DE MENDONÇA.  |
| Carta á minha filha.....              | G. JUNQUEIRO     |
| A arte (Canção sem metro)...          | RAUL POMPEIA.    |
| Vendo-a passar.....                   | LUIZ MURAT.      |
| Sport.....                            | L. M. BASTOS.    |
| Queda do Sapho.....                   | A. MENDES.       |
| Bolos.....                            | C. FERULA.       |
| Fervet a nor.....                     | H. DE MAGALHÃES. |
| A vida elegante.....                  | LORNON.          |
| Os Diabretes de D. Anna.              | LUIZ DELFINO.    |
| Theatros.....                         | P. TALMA.        |
| Parnaso alegre.....                   | M. HENRIQU.      |
| Receitas culinarias.....              | CABRION.         |
| Factos e noticias.....                |                  |
| Correio.....                          |                  |
| Recebemos.....                        |                  |

## EXPEDIENTE

## GERENTE

F. D'ALMEIDA

## SECRETARIO DA RED.

ARTHUR MENDES

## ASSIGNATURAS

## CÓRTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

## PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno.....     | 8\$000 |

Com o proximo numero distribuiremos aos Srs. assignantes do anno pasado um indice alphabetico das materias contidas no primeiro volume d' *A Semana* e uma folha de frontispicio.

Por esta forma, encadernados os 52 numeros do primeiro anno da nossa folha, ter-se-á um bello volume, de commodo e elegante formato e de facil consulta.

Aos Srs. assignantes em atrazo que até o fim d'este mez não satisfizerem a importancia de suas assignaturas, será irremissivelmente suspensa a remessa da folha.

Os senhores que tomarem uma assignatura d' *A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.

—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d' *A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d' *A Semana* por um anno, e sómente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TRÊS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettêmos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

## LEIA-SE

Para o n. 26 d' *A Semana*, ultimo do primeiro semestre do anno passado, escrevemos o artigo abaixo transcripto que fez um verdadeiro successo e produziu magnificos resultados, chegando a ser um acontecimento digno de nota... e de notas.

Todos os nossos assignantes, ou quasi todos, satisfizeram o nosso pedido, tal o espirito que resaltava das suas palavras.

Porisso, e esperando o mesmo feliz resultado, o transcrevemos hoje, 1<sup>o</sup> numero do segundo anno d' *A Semana*, para gaudio dos nossos leitores e goso nosso:

## Aos Srs. assignantes

« Com o presente numero enviamos a cada um dos nossos assignantes um

prospecto d' *A Semana* com todas as explicações, condições de assignatura, vantagens que têm os assignantes, relação dos premios que offerecemos, etc.

Ora acontece que esse prospecto tem no verso uma LISTA DE ASSIGNATURAS. Se alguns dos nossos amáveis assignantes quizerem propôr aos seus amigos, ou mesmo ao seu amigo, que seja assignante d' *A Semana*, nós lhes protestamos a nossa gratidão eterna por seis mezes se o assignante novo for de um semestre, e por doze mezes se for de um anno.

Note-se que *A Semana* é, modestia á parte, o mais interessante e o mais espirituoso jornal de todo o Imperio, e que o preço da assignatura é tão diminuto que chega a commover a gente.

Os srs. assignantes que receberem o referido prospecto, desde que hajam inscripto os nomes dos seus amigos, terão a bondade de reenvial-o a esta redacção, pelo que lhes ficará immensamente grata

A EMPREZA.»

## HISTORIA DOS SETE DIAS

O maior acontecimento da semana transacta foi o primeiro anniversario d' *A Semana*.

O maior, sim, mas para *A Semana*; retrucará o leitor ou a leitora.

Desculpem-nos, leitores amáveis, desculpem-nos, amáveis leitoras, a expansão sincera dos sentimentos que neste momento (solemne, já se vê) nos animam e estimulam a falar.

Se dissessemos o contrario, mentiriamos.

Por mais que nos interessassemos pelos factos que occuparam os sete ultimos dias: a insurreição dos escravos em S. Paulo; o aviso-circular com que o ministro da agricultura mandou tornar effectiva a liberdade concedida pela lei de 28 de Setembro (placa) aos escravos maiores de 60 annos; a séria questão do *habeas-corpus* aos recrutados de Ilhéos; a especulação cada vez mais escandalosa e crescente dos alugueis de criados; o caso tragico do vapor *La France*; a invenção de uma nova espingarda pelo Sr. Chuchú, da Bahia; a nova e tremenda fornada de médicos, e outros casos importantes da semana finda; por mais que nos esforcássemos por achar esses acontecimentos interessantissimos não houve meio: acima de todos e de tudo—*super omnia!*—pareceu-nos e appareceu-nos—o anniversario d' *A Semana*.

Haverá, porém, desalmado que nos condemne por esse facto á execração dos seculos vindouros e á excommunição maior do Vaticanozinho cá da travessa, em que pontifica S. Sanctidade Miguel Um e se professa a sancta religião do Altruismo?

E' provavel, mas não cremos. Afinal, por mais *miguelemista* que um homem seja e por mais preparadinho

para ir, d'aqui a algumas duzias de annos, adornar o calendario na qualidade de sancto-martyr, é impossivel amar o proximo mais do que a nós mesmos. Nem tanto exigem os mandamentos da lei de Deus. Ora se estes apenas mandam que o amemos *tanto como a nós mesmos*, não é cousa para arripiar epidermes de santarrões lembrar-nos mais de nós do que do proximo, pois que por mais proximo que de nós seja o Proximo, nós, mais do que o Proximo, sempre estaremos mais proximos de nós mesmos.

Não receiamos que nos reduzam á pouco appetitosa posição de Santo Estevam por tão bradante peccado.

E se não, que nos atire o primeiro parallelipêdo quem, na intima franqueza da sua consciencia, não tiver a pesarlhe sobre ella—o mesmo horripilante peccado.

Foi, portanto, o primeiro anniversario d'esta folha o principal acontecimento dos sete dias historiandos.

Eu não sei mas desconho que todo o Brazil, desde o Amazonas ao Prata—inclusive a ilha das Cobras e outras adjacentes—esteja neste instante boquiaberto em desmandibulado pasmo, deante d'este phenomenal e nunca sonhado successo:—uma folha que não é nem mercantil nem pornographica, que não explora a rua do Mercado nem o becco do Fisco, uma folha que desde o seu primeiro vagido teve a impudentissima ousadia de ser litteraria (*litteraria, ô bacalhoeiros!*), uma tal folha conseguiu...

— O que? Não morrer logo que acabou de nascer?

— Peior, meu caro commendador; conseguiu, depois de ter vivido um anno folgadoamente, como o villão em casa do sogro, apresentar-se com vontade e forças para continuar a viver por ahi alem, um *ror* d'annos!

Tem razão o meu caro Brazil em se escancarar formidavelmente em exclamativas de assombro.

O facto é mais do que excepcional: é unico!

Eu, palavra d'honra! sou o primeiro a lamentar que se elle tivesse realisado; e lamento-o porque nem de leve desejaria desagradar ao café, ás cebolas, aos algodões, ao toucinho, aos queijos e aos vinhos do Porto desta heroica e leal cidade essencialmente litteratophoba.

Que me perdõem todos esses meus alimenticios amigos; mas que lhe havemos nós de fazer—eu e os meus queridos companheiros d'*A Semana*?

Nós estamos todos consternados, cebolas; acredite-nos.

O Filinto d'Almeida, então—coitado!—não lhe deixando os assignantes tempo bastante para chorar o « caso triste »—acaba de alugar o chafariz do Lagarto para chorar por elle.

Infelizmente, nesta quadra de choradeira cá dentro e de seccuras lá fóra, só elle, o chafariz do Lagarto, não pôde chorar porque, como a pobre filha do Sertorius, na *Dalila*, só elle não tem lagrymas!

Resignae-vos, cebolas; consolae-vos, batatas! Nem só de vós e de pão vive o homem!

Já expuzemos, em nosso numero passado, as causas desta *desgraça* que exaspera e entisica de pura raiva quanto juravam a morte da nossa folha porque ella, em vez dos preços da « carne de primeira » e da « farinha de segunda », dava unicamente a cotação intellectual dos talentos da moderna geração litteraria, offerecendo magnificas amostras da *fazenda*—em critica litteraria e artistica, contos, poesias, pilhérias, aneddotas e outros *artigos* em prosa e verso.

Dispensando-nos, pois, de mais uma vez explicar as causas do *milagre*, contentamo-nos com verificá-lo.

Hoje, que entramos victoriosamente em nosso segundo anno, abrandamos a rigorosa recommendação que fizemos aos nossos companheiros de trabalho e que consistia em não dizer nem escrever nunca que *A Semana* era e é uma folha litteraria.

Este adjectivo tem o poder de exercer sobre o nosso publico o mesmo effeito da cruz sobre o diabo.

Calando-o, o publico, iria como de facto o foi—habituaudo-se, afeiçãoando-se á folha, sem presentir, muito longe de desconfiar que era *litteratura* o que ella lhe dava todos os sabbados a ler... Porque o que assustava, o que repugnava, o que indispunha não era o *genero*, era o *nome*:—*litteraria*, folha *litteraria*, que horror!

Hoje, porém, já que se commetteram indiscrições e pois que o publico se convenceu de que a *litteratura* não é diabo tão feio como o pintam os commendadores, actuaes e futuros, já se pode *lâcher le mot*, soltar aos quatro ventos a fatidica palavra.

Será difficil prejudicar-nos d'ora avante.

Mas, agora reparamos: só nos restam tres tiras a encher e dos acontecimentos da semana apenas tratámos do mais importante.

Emendamos a mão, agradecendo, mais uma vez—não a ultima—a todos quantos bondosamente animaram e auxiliaram a nossa modesta folha, e com especialidade aos illustrados collegas da capital e das provincias, aos quaes devemos em grande parte a aceitação e a sympathia que de todos os lados temos recebido; aceitação e sympathia que *A Semana* espera continuar a merecer.

Falemos agora do *segundo* acontecimento da semana: a morte do 1885.

Todo o anno novo é forçosamente *bom*—porque é *novo*, e a esperança—consoladora filha do céu!—faz-nos crer que o que ha de vir será melhor que o que já foi.

Saudemos, pois o recém-nascido como um portador celestial de venturas, como o mais risonho dos annos. E elle que se vá regalando com as festinhas e tagatês com que o recebem no berço, pois que, á proporção que se for adiantando em dias, elles lião de ir-se transformando em maldições e descomposturas.

Rosado, ingenuo e adorado anno novo, tu que, ao nascer viste as barbas do teu *papá* a arder, atufando-se na voragem do Tempo, põe o teu queixinho imberbe de molho, e trata de desmentir o proverbio—*Tal pae tal filho*. Esforça-te por ser amavel e bondoso.

Não nos tragas a febre amarella, nem deputados eguaes aos que nos deu teu pae; revoga a vergonhosa 28—*placa*—, substituindo por lei de homens essa lei de cães de caça; dá juizo á Camara Municipal, compensando em criterio o que lhe sobra em vaidade; não repitas a gracinha da *preferencia*, poupando-nos o spectaculo de homens que se cançam de dar dinheiro a vereadores para terem direito á matança de gado; faze-nos esquecer o escandalo do Quixadá, a vergonha do encalhe do *Almirante Barroso* e a boia evadida; varre-nos a cidade dos *Guayamús*, dos *Nagóas*, dos *Secretas* e mais bandos de capoeiras; inspira ao Sr. desembargador chefe de policia um pouco mais de piedade pelos desgraçados escravos e um pouco menos de amor pela navalha; dá juizo ao Dr. Luiz Escaravêlo e um pente fino á *Musa do Povo*;

extermina as agencias de alugar criados, as loterias e as carroças mecanicas de varrer as ruas empocirando os pulmões; resolve sem *casus belli* o desastroso incidente do *La France*; faze que o *habeas-corporis* não inais sirva para legalizar illegalidades; dá-nos pouco calor, muito dinheiro e muitissimos assignantes á *Semana*.

Amen!

VALENTIM MAGALHÃES.

## O nosso primeiro anniversario

Gratos á gentileza e ao favor com que varios collegas se dignaram de noticiar o nosso primeiro anniversario, transcrevemos as palavras com que o fizeram, protestando-lhes o nosso reconhecimento.

« A SEMANA »

Publicou hontem o seu 52º numero, ultimo do primeiro anno de sua existencia.

Em longo artigo faz *A Semana* o historico do seu primeiro anno de vida contando-nos interessantes particularidades acerca das suas primeiras difficuldades e dos triumphos que tem alcançado sobre a habitual indifferença do nosso publico para com cousas de arte e litteratura.

E' realmente admiravel, é quasi *milagrosa* a victoria d'*A Semana*.

Agora que o Rubicon está transposto, que o já importante hebdomadario entrou um pouco nos habitos do publico, é licito augurar-lhe facil e ampla estrada de felicidades, coberta de rosas.

Parabens á *Semana* e especialmente ao seu director e proprietario, o nosso collega dr. Valentim Magalhães. Do n. 52, cujo summario transcrevemos em seguida, recommendamos os bellos versos e artigos dedicados ao Natal e ás crianças.

(Da Gazeta de Noticias.)

O n. 52 d'*A Semana* vem, como sempre, escripto de modo a fornecer uma leitura amena, interessante e variada.

O mesmo numero nos annuncia a entrada do collega no 2º anno de sua existencia, o que para nós é um prazer e para os redactores daquelle jornal facto de bastante alcance, que lhes indica que o publico tem sabido reconhecer o merecimento de que é possuidora *A Semana*.

Nossas felicitações, e agradecidos pelo exemplar que recebemos.

(Da Gazeta da Tarde.)

Distribuiu-se hontem o n. 52 do apreciavel semanario, tão habilmente redigido e dirigido por Valentim Magalhães.

Com elle completou a *Semana* um anno de existencia próspera e feliz, graças ao modo por que soubo impor-se ao indifferentismo existente entre nós pelas publicações litterarias do genero desta e pelos esforços do seu principal director, alliados á boa vontade dos seus companheiros de cruzada.

Damos parabens a Valentim Magalhães e ás crianças que tiveram como festas o n. 52 da *Semana*, repleto de contos e poesias referentes ao dia de Natal.

Que a *Semana* continue a prosperar proporcionando-nos ensejo para, de anno em anno repetirmos-lhe as nossas saudações.

(Do Diario de Noticias.)



*Eloy, o heróe*, o espirituoso e estimado escriptor do *De Palanque*, do *Diario de Noticias*, no engraçadissimo retrospecto em verso do defuncto anno de 1885, teve a bondade de nos contemplar tambem, nos seguintes chistosos versos:

« Apareceu A Semana  
E olha o mundo a se espantar  
Quando em Pantana  
Não a vio dar.  
Toca a Semana a rebate,  
E o mundo inteiro lhe diz  
Que o melhor vate  
D'este paiz  
Foi a gloria de Caxias,  
A gloria do Maranhão:  
Gonçalves Dias...  
Pudera não!  
Que eu saiba, ninguém contesta  
Que elle é o poeta mellhor;  
Mas saber resta  
Qual o peor.  
P'ra que os dois vultos eu case,  
Bom e mau, grande e ratão,  
Semana, faze  
Nova eleição!  
Antes que m'o notem, noto  
Que, se a eleição tem logar,  
Eu muito voto  
Devo apanhar... »

O *Diario Mercantil*, de S. Paulo, honrou-nos e confundiu-nos com o seguinte artigo, cujas amistosissimas palavras agradecemos, sinceramente reconhecidos:

## NOTAS DIARIAS

Ha um anno que um rapaz, cujo talento e illustração só podem ser comparados á sua actividade á elevada consciencia com que fez da penna de escriptor publico uma força impulsora do nosso desenvolvimento intellectual, acordou uma manhã decidido a publicar, na Corte, um periodico exclusivamente destinado a estimular e educar o gosto litterario e artistico d'este paiz sem arte nem litteratura.

Ao certo o primeiro a quem elle expoz o seu projecto duvidou do exito da temeraria tentativa, e o melhor dos seus argumentos para dissuadi-lo de uma tal empresa foi encontrado na historia de todos os periodicos creados com semelhantes intuitos, historia triste e desoladora, onde, da primeira á ultima pagina, deparam-se esforços de egual natureza, esmorecidos, annullados, mortos pela indifferença desdenhosa com que foram accollidos.

Outro qualquer, que não aquelle rapaz audacioso, teria desanimado e dado de mão á idéa combatida por tão solidos arrasoados.

Elle não. Incredulo como S. Thomé, quiz vér com os proprios olhos e sentir com a propria alma de que forma e de que genero eram os perigos que salteavam os periodicos litterarios, transformando-lhes os primeiros vagidos em suspiros derradeiros...

Abençoada teima!

Se não fora ella, Valentim Magalhães não seria o festejado proprietario e director d'A *Semana* e nem nós teriamos n'essa esplendida revista o unico brilhantissimo escriptor da critica, da arte e da litteratura nacional.

Ao joven e laborioso escriptor deve o paiz a gloria de possuir uma publicação por onde pôde avaliar-se o seu movimento e progresso nas letras e nas artes.

Redigida com a maxima intelligencia e admiravel criterio, A *Semana* ha sabido manter-se na altura do elevado conceito em que é tido o seu director, uma das mas mais vigorosas e salientes phy-

sionomias da moderna geração de escriptores brasileiros.

Por si e pelo concurso dos delicados talentos que lhe prestam a sua valiosa e assidua collaboração, Valentim Magalhães conseguiu fazer dessa folha uma publicação interessantissima, merecedora de ser procurada e lida por todos os que presam os primorosos productos do espirito.

A despeito disso, entretanto, muitas e poderosas foram as difficuldades com que luctou A *Semana* para se conservar no seu posto de honra.

Mas que soube-as desviar do seu caminho e que ha de afinal vencel-as, dil-o eloquentemente o facto de atravessar incolume e altiva o primeiro anno, o temeroso Rubicon das emprezas jornalisticas, dilatado periodo a que jamais conseguiu attingir nenhum dos periodicos litterarios que, antes della, tentaram captar os favores do publico.

Commemorando o seu anniversario, a sympathica redacção d'A *Semana* assignala a circumstancia de que ás provincias deve o melhor agasalho que recebeu...

Não nos sorpreheende isto.

Por mais philauciosa que seja a pretensão da córte, dando-se os fóros de centro luminoso das artes e da litteratura nacionaes,—é incontestavel que melhor do que ali cultivam-se e florescem aquellas duas forças do espirito embevecido na contemplação do Ideal...

E a prova está no desamor com que ella tractou a sua excellente revista litteraria, ao passo que as provincias receberam-na de braços abertos, como a uma adoravel representante do que as boas letras encerram de admiravel.

Ignoramos como este nosso S. Paulo se está portando na hospitalidade offercida pelas suas irmãs á magnifica folha de Valentim Magalhães.

Seria pasmoso que a esta terra, a que muita gente chama—*Athenas brasileira*, não coubesse o maior quinhão nos gentis agradecimentos fidalgamente dispensados pela redacção d'A *Semana* aquelles que bem e dignamente a acollheram.

O *Diario Mercantil* saúda Valentim Magalhães e o brilhante grupo dos seus collaboradores pelo primeiro anniversario de tão notavel revista litteraria e artistica.

## UMA SAUDAÇÃO

Completo um anno de existencia a *Semana*, o scintillante hebdomadario, o periodico litterario mais bem feito que vê a luz entre nós.

Dous moços de talento tomaram a si sustentar um jornal assim n'uma cidade como o Rio de Janeiro onde logram incontestada importancia as letras... de cambio.

Para nós, o sustentar-se ha um anno esta folha affigura-se nos prodigio maior que a chuva de maná no deserto arido da Judéa.

Os filhos de Israel precisavam de pão e tiveram-no; a córte, que pouco se dá a letras, além das já mencionadas, tem superior maná espirital sem fome d'espirito!

Curioso e raro!

Mas tambem que provas de indifferença na terra em que o capoeira é figura obrigada e em que a policia é capoeira!

Advogados, engenheiros, gente em que se suppõe algum saber e correlativa educação, ou devolviam a folha, ou não pagavam a assignatura, meio

indirecto de angariar uma boa designação de larapio!

Entre furtos e dissabores, foi a *Semana* seguindo o seu luminoso caminho, com ja collaboração mais selecta que pode ambicionar um periodico deste genero.

Valentim Magalhães, um talentoso rapaz de cujo nome nunca nos esqueceremos como digno de sympathia e admiração, junctou-se a Filinto de Almeida, um incorrigivel bohemio fascinado pelas bellas letras que o foram arrancar ás outras de cambio.

Desta companhia resultou ser a *Semana* o que é, e a continuação da sociedade muito promette, se os advogados e engenheiros fizerem como qualquer mortal honrado—pagando o que devem.

Um leal aperto de mão aos dous e mil prosperidades á *Semana*.

(Do *Correio de Campinas*.)

Está magnifico o numero 52 da *Semana*.

A *Historia dos Sete dias* occupa-se com o Natal, em excellentes versos assignados por Henrique de Magalhães.

Traz um bonito conto de Julia Lopes e outros artigos firmados por varios escriptores de nota.

Com o presente numero esta interessante folha realisa o seu primeiro anniversario.

(Do *Tymburibá*, de Rezende.)

A *Semana*, n. 52, com o qual passa esta importante revista o Rubicon das publicações litterarias no Brazil: o fim do primeiro anno de existencia. Rara é a que tão longe vae. Parabens, pois.

(Do *Pharol*, de Juiz de Fora)

## « A SEMANA »

Acaba de completar o seu primeiro anno de existencia o apreciado periodico litterario A *Semana*.

No curto espaço de tempo decorrido, sob a providente direcção do sr. dr. Valentim Magalhães, collaborada pelas mais dissertas pennas da nova geração, a interessante folha hebdomadaria constituiu-se um verdadeiro escriptorio de preeiosidades litterarias.

Não é necessario ter muito o saber aruspicio para antever no futuro a longa e prospera vida que ha de gozar a *Semana*.

Felicitemo-la pelo seu anniversario.

(Da *Gazeta de Campinas*.)

## « A SEMANA »

Completo o 1º anno da sua existencia esta magnifica folha litteraria, dirigida por Valentim Magalhães.

E' com o maximo prazer que consignamos o facto de haver feito carreira um periodico litterario, genero exotico que até ao presente não se conseguira acclimatar no Brazil, sem impór sacrificios extraordinarios aos cultivadores.

Felizmente A *Semana* nasceu tão bem constituida que tem arrostado com as inclemencias, e já agora não perecerá de mal de nascença.

Que perdure e por largos annos, são os votos que fazemos ao enviar-lhe as nossas felicitações pelo seu 1º anniversario.

(Do *Diario de Campinas*.)

## O INIMIGO

E' a maior celebridade actual : fallasse mais delle que de tudo mais reunido, mais que da febre amarella e das insurreições d'escravos, mais que de Luiz Guimarães que ahí vem chegando á hora em que isto se escreve, mais que das revistas theatraes do anno que está a cahir e as quaes estão a subir—á scena.

E isto é o que principalmente me afflige, que este ignobil canalha esteja a intrometter-se em todas as conversas com a sua banalidade irritante, que provoque as maldicções dos honestos cidadãos laboriosos e os graciosos gestos arredondados, os meneios de leque, os arrufos gentis das meninas galantes. E' extraordinario e revoltante que lhe prestem a mesma attenção, que simultaneamente se preocupem com elle, a avó que dormita a um canto e a neta que deita sentimentalismo á janella, o gordo burguez que cultiva o seu volta-rete e bufa pela ausencia da espadilha — e o esbelto romantico saudoso da valsa.

Se quizessem dar-me todos a gloria da sua adhesão a esta idéa vingadora —ninguem, nunca, a nenhum pretexto que seja, referir-se ao inimigo coimmum!...

Talvez que com o despréso o vencessemos um pouco e se resolvesse a poupar-nos, um nadinha ao menos, alguns instantes por dia. E' uma idéa a aproveitar; ahí fica proposta aos meus correligionarios na religião do odio ao verdugo.—*Vermelhugo*, lhe chamaria o *Caipira*, se vivesse ainda, allegando que de verde é que elle não tem nada.

Commigo é uma perseguição maior, uma apoquentação superior a toda a paciencia possivel em organismo de gente: é desde que o triste de mim se levanta, moido de o aturar, até que se recolhe ao valle dos lençoes, agitando inutilmente no ar, sobre o corpo vencido, e com fenderêço ao perverso, como branca bandeira de paz, o liah mais fresco do guarda-roupa domestico.

Depois, apenas entro na circulação da cidade, sinto-o que me salta aos hombros, que me bafeja ao pescoço com o seu halito de fofalha acesa; o collarinho volta ao estado anterior de panno ensopado em gomma, e, para o poder manter com certa decencia, começa uma mudança bohemia dos meus botões—das casas do peito para a casa da parte posterior da golla da camisa, donde cahem, como gottas de suor, pelas costas e pelas pernas abaixo até se irem reunir todos—juncto aos atilhos das ceroulas: é de lá que, ao cabo de algumas horas, retiro toda a guarnição dos meus botões postiços—para reconeçarem a mesma viagem pictoresca de estrada do Corcovado ao longo do meu eu.

Ah! eu bem conhecia o rigor e a sanha deste cão! Vivi annos felizes a fazer-lhe foscas de longe, da grata frescura da roça; lá mesmo chegava-me, ao pino dalgum mau dia, a longinqua injúria do seu odio; mas passava em pouco e ia-se vivendo, iam-se adquirindo carnes para o tremendo supplicio d'agora!

Hoje estou mettido inteiro entre as garras da fera; constringe-me, abafa-me, suga-me — fogoso polvo — pelas suas cem mil boccas invisiveis, colladas por toda a extensão do misero corpo, já quasi exausto, quasi cadaver já!

E ainda tem alma para se rir da gente o Arthur Azevedo, espirito de salamandra que saltita e folga neste ambiente de inferno!

Piedade, Valentim! nem mais uma linha! contenta-te com esta seusaboria, admiravel ainda se, neste tempo, conseguisse, ao menos, ser fresca.

Ah, Calor, ah, carrasco! se continuas, daqui a nada, só acharás em mim, para derreter em suor,—os ossos.

Acho melhor—para nós ambos—que não continúes.

Rio, 30 de dezembro.

LUCIO DE MENDONÇA.

## CARTA Á MINHA FILHA

Eu desejava, assucena,  
Para te escrever a ti,  
Que alguém me desse uma penna  
Da aza d'um colibri,

E fosse uma cotovia  
Por essa amplidão sonora  
Molhar-m'a, ao romper do dia,  
Na tinta fresca da aurora.

Tinta vermelha e doirada,  
Com que Deus fez de improviso,  
Ha seculos, a alvorada,  
E ha mezes,—o teu sorriso.

Depois, quando á tarde o sol  
Mergulha na immensidade,  
Pediria a um rouxinol  
Da minha antiga amisade,

A um rouxinol, que em junho  
Vem sempre aqui, de visita,  
Que me escrevesse um rascunho  
D'uma carta tão bonita,

Tão mimosa e tão saudosa,  
Que tu julgasses, ao lel-a,  
Que era d'um anjo a uma rosa,  
Que era d'um lirio a uma estrella!

Ah, como a palavra zomba  
Da idéa! Désisto, amor!  
E' o mocho a escrever á pomba,  
E' o verme a escrever á flor.

Quizera palavras cerulas,  
Com a innocencia infantil,  
E o mimo doce das perolas,  
E a graça tenra d'abril;

Quizera versos, harpejos,  
E rimas d'ouro a cantar,  
Como um trinado de beijos  
N'um jasmineiro ao luar;

Quizera expressões e phrases,  
D'um sentimento extra-humano,  
Cheirando a orvalho, a lilazes  
E a rosas de todo o anno,

Expressões d'uma innocente  
Candura intacta d'arminho,  
Virgens como a agua corrente  
E azues como a flor do linho.

Mas não ha verso nem rima,  
Nem arte alguma, Mimi,  
Que do fundo d'alma exprima  
O amor que eu te tenho a ti.

Pois como hei de eu encerrar  
Esta saudade, esta magua  
N'um vaso?... como ha de o mar  
Caber n'um gotta d'agua?...

Oh, é tal esta saudade  
E é já tão grande o desejo  
De te ver, que, na verdade,  
A toda a hora eu te vejo.

Quando no azul transparente,  
Envolta em candido véu,  
Assoma divinamente  
A aurora—o pudor do céu,

Lembram-me essas setinosas,  
Mimosas faces vermelhas,  
Que dariam sangue ás rosas  
E mel doirado ás abelhas.

Quando vou pelos caminhos,  
Verdes como madrigaes,  
E oiço o murmúrio dos ninhos  
Gorgeiando entre os sinceiraes,

Eu cuido que és tu, Maria,  
E essa illusão não me espanta:  
Um berço que balbucia  
E' igual a um ninho que canta!

Se vejo (cabeça louca!)  
As frescas rosas singelas,  
Confundo-as com a tua bocca,  
E vou-me aos beijos a ellas.

Quando passa uma criança,  
Contradição singular!  
Vens-me tu logo á lembrança,  
E fico a rir... e a chorar.

Entre as silvas e os abrolhos  
Ha myosotis de setim,  
Que en julgo serem teus olhos  
Que estão a olhar para mim.

Nunca de ti me separo,  
Quer ande longe, quer perto:  
Tu és o sol sempre claro  
E eu sou o olhar sempre aberto.

Trago n'alma o teu retrato,  
Filha; nunca de lá saes...  
Nem ha photographo exacto  
Como o coração dos paes!

Toda a minh'alma se enleva  
Só n'esta recordação...  
Pois como havia de eu—treva,  
Não pensar em ti—clarão?!

Ah! que abençoada innocencia,  
Ah! que porvir crystalino,  
Vendo o azul d'essa existencia  
A rir sobre o meu destino!

Em tudo quanto nos salva  
De tudo o que é baixo e vil,  
No horisonte—a estrella d'alva,  
Nos campos—a flor d'abril,

Em tudo o que a amar convida,  
Em tudo que nos seduz,  
Na infancia—aurora da vida,  
Na aurora—infancia da luz,

Em tudo eu vejo disperso  
O teu retrato, Mimi:  
Deus espalhou no Universo  
O amor, e reuni-o em ti!

GUERRA JUNQUEIRO.

## A ARTE

(Canção sem metro)

A V. MAGALHÃES E F. DE ALMEIDA

Qui travaille de ses mains, pense,  
 parle et écrit, tout à la fois; et si,  
 dans la république de l'esprit, il existe  
 des places réservées pour les in-  
 telligences supérieures, l'homme de  
 style doit céder la place à l'homme  
 d'action.

PROUDHON.

A realidade é um círculo de trevas;  
 esquece-la é consolar-se.

Desvairado pelas derrotas da reali-  
 dade, o espirito evade-se para a em-  
 briaguez. A arte é a grande embriaguez  
 do bello consolador.

Cantou com os pastores da primitiva  
 Humanidade, suavizando-lhes os traba-  
 lhosos dias; educou-se nas montanhas  
 do Oriente e emigrou para a Europa.  
 Engrandecida pela força do genio, gan-  
 nhou mil formas, expandiu-se em todas  
 as direcções, estrella immensa! clare-  
 ando o orbe inteiro e o recesso dos  
 espiritos, confortando, com o divino  
 enlevo, as almas abatidas,

Semelhante ao fogo, o extase consom-  
 me-se no proprio urdor. Passa a em-  
 briaguez dos sentidos, passa o enthu-  
 siasmo intelligente da investigação;  
 ficam:—a saciedade, a descrença, a fadiga  
 e a morte. Extincta a chamma, cinzas.

Os transportes do bello, não.  
 A floresta das illusões, assallada pelo  
 inverno, perde uma por uma todas as  
 flores, todas as folhas; a arte persiste.  
 Desfere ainda, em pleno extermínio das  
 energias, a nota triumphal do seu en-  
 thusiasmo!

Pharol immortal e culminante,  
 domina impavido o naufragar das eras.  
 Feliz quem pode abysmar-se no  
 tempo, ao clarão deste sol!

RAUL POMPEIA.

## VENDO-A PASSAR

Todo este espaço freme ao vel-a e ouvil-a,  
 Porque ella tem dos astros o fulgor,  
 E se eu a vejo placida e traquilha  
 Arrancar uma flor,

Eu receio que a tenue flor de neve  
 Inveja a alvura da mãosinha della,  
 Pois em todo este céu nada ha mais leve  
 Que esta pequena estrella.

Estrella sim, que timida recua  
 Se a minha mão a colhe de improvisio,  
 Que é como a concha na onda que fluctua,  
 E ama aza d'anjo pendurada a um friso.

Medrosa, inquieta, tremula, e bravia  
 E' como a rola que deixou o ninho.  
 N'um raio o sol a doira e acaricia  
 E vêm-lhe ao encontro as flores no caminho.

E a borboleta doida por local-a  
 Vai desse astro gentil seguindo a luz,  
 E diz à rosa que o perfume exhala:  
 « Quem me dera esta cruz!

Quem me dera em sua mão crucificar-me  
 E com ella do céu romper as gazas,  
 Deixar a prado, ás nuvens remontar-me  
 Suspensa ás suas azas. »

E a rosa respondeu: « Ah! quem me dera  
 Deixar pr'a sempre esta deserta alfombra,  
 Eu trocaria o sol e a primavera  
 E a aurora d'ouro pela sua sombra. »

E tu, vaidosa, e tu nem te voltavas  
 Para dizer à borboleta, « rem. »  
 Como uma deusa aos pés a flor calcavas,  
 Tu que soffres tambem.

LUIZ MURAT.

Caxangá, 29 de Outubro de 1885.

## SPORT

Realisaram-se no ultimo domingo as  
 corridas do Hippodromo Fluminense. Foi,  
 apesar do calor, muito grande a con-  
 currencia, tendo sempre reinado a me-  
 lhor ordem e todos os pareos tendo sido  
 brilhantemente disputados.

No 1.º pareo (1,020 metros) *Vampa* foi  
 o vencedor em 72 segundos, mas deveu  
 a victoria a haver cahido *Nicoafi*, o que  
 tambem atralhou *Druid*. O jockey de  
*Nicoafi* ficou bastante maltratado.

No 2.º pareo, sendo muitos os animaes,  
 a directoria entendeu dividil-os em  
 duas turmas; na 1.ª sahio vencedor *Cri-  
 chani* e na 2.ª *Barbara*, tendo sido de  
 800 metros o tiro e de 60 segundos o  
 tempo.

No 3.º pareo *Druid* fez uma esplendida  
 carreira e em 1,350 metros conseguiu,  
 em 95 segundos, bater *Aymoré*. Foi um  
 pareo muito bem disputado, e a victoria  
 de *Druid* mostrou a pericia de Alfredo  
 Toon.

No 4.º pareo foi facil a *Aymoré* a victo-  
 ria por se haverem retirado os melho-  
 res competidores.

No 5.º pareo *Saphira*, montada por  
 Baleiro, fez uma boa corrida e mostrou  
 estar bem aligeirada, nada podendo fa-  
 zer seu competidor *Jaguary*, apesar de  
 montado pelo excellent jockey *Hinds*.

Finalmente, no 6.º pareo *Sirodio*, fez  
 uma boa corrida em 60 segundos (800  
 metros) chegando logo atraz e embo-  
 lados *Conde*, *Orione*, *Crichani* e *Bar-  
 bara*.

Estão annunciadas para o dia 6 do  
 corrente as proximas corridas do mes-  
 mo Hippodromo Fluminense, e é de espe-  
 rar um programma importante, grande  
 concurrencia e a costumada boa or-  
 dem.

L. M. BASTOS.

## QUEDA DE SAPHO

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Nunca tão bella foi a fulgurante estrella  
 Do já passado tempo, a Sapho magestosa!  
 De pé, a lyra ás mãos, cançadas de tangel-a,  
 No cimo do penhasco, o olhar tinha anciosa

Em todo o firmamento, Iria Deus contel-a?  
 Deus, quem sabe? atravez de nurem cor de rosa  
 Que bordasse o horizonte, extatico de vel-a,  
 Tudo olvidara ante ella esplendida e assombrosa!

Puchava-lhe o cabelo o vendaval e a lyra  
 Rugindo sons tirava e mais talvez pedira,  
 Se não medisse o abysno a desvairada, a l'uca.

Tombou: Deus, nuvem, céu, penhasco, espaço, tudo  
 Quedou-se de repente, o mundo estava mudo  
 E Sapho tinha, morta, um sorriso na bocca.

ARTHUR MENDES.

## BOLOS

Nos saracoteamentos bombardeantes  
 do seu estylo archi-gongorico, desdo-  
 brando a peça de chita de ramagens da  
 sua prosa boreal, veio ha dias o Sr. E.  
 Salamonde, pela *Gazeta de Noticias*, thu-  
 riferar o nosso poeta Luiz Guimarães,  
 á chegada.

Se fosse apenas para isso que o Sr.  
 Salamonde interrompesse a leitura do  
 seu romance querido, nós nada tinha-  
 mos que vir dizer agora e ficaríamos  
 d'aqui a bater as palmas ao thuriferado  
 e ao thuriferario. Mas o Sr. Salamonde  
 aproveitou a occasião e esvurmou o fo-  
 runculo de não sei que despeito que lhe  
 punha na alma pruridos de vingança  
 miuaz, dirigindo sobre nós o esguicho  
 da sua bilis ha muito represada pela  
 prudencia.

Elle não se dirige directamente a nós  
 nem a ninguém; refere-se, em phrase  
 dura, á geração moderna: ora como a  
*Semana* se julga legitima e immediata  
 representante d'esta geração, não so  
 porque uma boa parte d'ella é nossa  
 collaboradora, mas porque especial-  
 mente aos moços temos offerecido as  
 nossas columnas, com a maxima fran-  
 queza e facultando a maxima liberdade  
 de pensamento—nós vamos responder  
 ao hyperbolico Sr. Salamonde.

Ponhamos por ordem os pontos con-  
 trovertiveis:

1.º—« Luiz Guimarães é o mais par-  
 nasiano de todos os lyricos brasileiros.  
 Depois de Gonçalves Crespo aiula  
 nenhum teve a mesina nobreza aristo-  
 cratica de verso, a mesma estrutura  
 solida de estrophe, a mesma instrumen-  
 tação de rimas, a mesma opulencia de tons:  
 Eu sei que a geração moderna não afirma  
 estas cousas. A opinião da geração mo-  
 derna circula simplesmente desde o  
 largo de S. Francisco até o becco das  
 Cancellas, não constando mesino assim  
 que converta muito sclerado rebelde,  
 nesta zona de popularidade, em que os  
 grandes idolos são impostos mais como  
 uma impertinencia de Igreja do que  
 com uma superioridade de critica. »

2.º—« Não se fala absolutamente de  
 Luiz Guimarães, e, quando algum plu-  
 mitivo sacode a penna, não é para tra-  
 balhar uma phrase sobre o seu nome,  
 é para deixar cair um borrão sobre a  
 sua gloria. »

3.º—« Mas fóra das *cotteries*, fóra dos  
 templosinhos litterarios dos gremios de  
*elogio mutuo*, etc., etc. »

4.º—« Chegando hoje ao Rio de Ja-  
 neiro, elle não vai de certo *estranhar a  
 frieza litteraria da recepção*, acostumado  
 como está a esta *docilidade das turbas*, de  
 vez em quando *sacudidas do seu torpor  
 sonnambulo pela imposição de um deus*. »

Sem negar ao Sr. Luiz Guimarães  
 um logar entre os melhores poetas bra-  
 zileiros da actualidade, discordamos  
 das affirmativas do primeiro ponto.  
 Não ha entre nos nenhum poeta *parna-  
 siano* na accepção que os francezes dão a  
 esta palavra. Todavia, para nós, o mais  
*parnasiano* de todos os poetas brazi-  
 leiros é o Sr. Machado de Assis; seria o  
 Sr. Raymundo Corrêa depois do bello  
 livro das *Symphonias* se a sua *fôrma* não  
 se voltasse um tanto mais para os clas-  
 sicos e se não houvesse naquelle vo-  
 lume uns poucos de sonetos em que os  
 quartetos deixam de rimar entre si.

Não comprehendemos muito clara-  
 mente o que seja *nobreza aristocratica de  
 verso* nem *estrutura solida de estrophe*,  
 mas, emfim, estamos de accordo. Agora,  
 no que discordamos é na *instrumentação  
 das rimas* e na *opulencia de tons*: *Exami-*

ne-se com cuidado o volume dos *Sonetos e Rimas*:—ver-se-á que o poeta possui todos os segredos da melodia parcial do verso, mas descarta da harmonia do conjunto, jogando em um soneto, por exemplo, com duas rimas de igual tonalidade, tendo a accentuação predominante sobre a mesma vogal—erro grave, que nenhum *parnasiano* é hoje em dia capaz de commetter.

Isto prova-se: no soneto—*O Filho*—as rimas são estas: *gargalhada, chorava, matava, enfumaçada, doirada, cava, resvalava, nevada*; o 2º terceto do soneto—*Natal*—tem estas: *alegria, dia, Cecília*; o primeiro do soneto *A avó*—tem estas: *chora, implora, conforta*. Este mesmo defeito se nota nos sonetos—*O Danubio azul, O arsenal, Idade media, O piano*;—isto só na primeira parte do volume dos *Sonetos e Rimas*.

Outro defeito que os *parnasianos* nunca admitiram nem admitirão é o tal que consiste em deixar de rimarem entre si os dois quartetos de um soneto, como acontece nos sonetos do Sr. Luiz Guimarães de paginas 27, 37, 44, 54, 56, 59, 86, 91, 112 e 113, também só da primeira parte.

Até aqui a *orquestração de rimas*.

Agora quanto à *opulencia de tons*, diremos ao Sr. Salomonde que fez mal em escrever o seu artigo sem ter presente o livro do poeta.

E' exactamente a *pobresa de tons* que torna um tanto ou quanto enfadonho o livro do Sr. Luiz Guimarães.

O poeta dispõe apenas d'estas quatro rimas: *ada, osa, ura e ora*, mudando a letra final conforme a palavra é masculina ou feminina e está no singular ou no plural.

A primeira, que é a mais pobre da nossa lingua, encontra-se em 33 sonetos dos 64 que ha na primeira parte do livro, unica que observámos detidamente; a segunda em 25 e as mais num pequeno decrescimento de numero; as outras rimas de que se serve com notavel frequencia o poeta são:—*ella, ante, ente, ia e ava*. Nem signal de rima peregrina em todo o livro, nem sombra de capricho *parnasiano* na tonalidade rithmica dos consoantes.

Não tendo, pois, nem boa *orquestração de rima*, nem *opulencia de tons*, e tendo os defeitos apontados e provados, não pôde ao Sr. Luiz Guimarães ser dado com justiça o titulo de «o mais *parnasiano* de todos os lyricos *brazileiros*.» Isto é o que negamos; mesmo porque os defeitos que apontamos só são defeitos para os *parnasianos*; os outros poetas, que não estão alistados em nenhum batalhão rotulado especialmente, esses rimam com liberdade, pouco se importando com os preceitos tyrannicamente rigoristas do grupo dos *parnasianos*, que são precisamente os que possuem a tal «*correção affectada, pretenciosamente inexpressiva... os taes «rendilhadores que fazem do verso uma coisa soberba como uma esculptura, equilibrada, geometrica, primorosa...»* o que, devemos confessal-o, já não é pouco.

Está claro, pois, que a geração moderna não podia afirmar aquellas cousas.

No mesmo primeiro ponto fala o terrível, o assustador Sr. Salomonde, na imposição de idolos, feita pela mesma geração... moderna: «os grandes idolos são impostos mais como uma impertinencia de igreja do que com uma superioridade de critica».

Aqui, como na «imposição de um deus» do 4º ponto, o formidando *estylista* refere-se ao facto de haverem affirmado dois ou tres rapazes da *nova geração* que Luiz Delfino era o primeiro poeta nacional.

Mas, Deos clemente! quando foi que á livre manifestação de um juizo se chamou com justiça—*imposição*?

Entre nós não existe o pontificio litterario; Castilho não deixou successores no Brazil. Os rapazes que affirmam ser Luiz Delfino o primeiro poeta nacional, affirmam-n'o porque estão d'isso convencidos, e têm procurado demonstral-o com boas rasões e argumentos que ainda ninguem contestou com vantagem; mas não o impõem como um dogma—porque não são pontifices das letras nem estão para massadas de caracter liturgico.

Entre a affirmação e a imposição ha um abysmo. Sejam prudentes; affastemo-nos do cairrel: o encarregado de caminhar para o abysmo é o paiz. Resa a chapa.

Direita, volver...

(Continúa.)

### CHICO FÉRULA

#### FERVET AMOR

(A R. PORCIUNCULA)

*Na granja humilde a gente desvallida  
De amor delira; na amplidão sonora,  
P'ra o festivo consorcio, de corrida,  
Pombos trocazes vão passando agora.*

*Os peixes, na lagoa adormecida,  
Saltam; nos tiorios a orvalhada rora;  
Cipós abraçam da arvore florida  
A verde cinta; a flor o mel dissora,*

*Que o colibri recolhe em beijo ousado;  
Gathos palpitam, beijam-se os insectos;  
Procura a femea o tigre mosqueado...*

*Eneste espaço cheio de rumores,  
De sensações, de idyl'ios e de affectos,  
—Só eu não tenho ao lado os meus amores!*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## À VIDA ELEGANTE

E' o meu maior desejo, um desejo mesmo enorme, que tivesse boas festas, querida leitora, que o 86 lhe traga para ahi um milhão de felicidades, nada menos, e que possam ver ainda muitas series de trezentos e sessenta e cinco dias os grandes olhos de V. Ex. que neste momento derramam sobre esta pallida secção uns scintillantes reflexos, capazes de dar vida áquellas floresinhas que sobre o negrume das suas tranças rescenderam por ahi em algum salão em festa.

Talvez mesmo, quem sabe? o *Grupo Familiar* de Nitheroy, que me traz hoje á sua presença, teve a grande fortuna de recebela nos seus magnificos salões naquella sabbado do mez de Dezembro do anno passado, que se sepultou ha dois dias no vasto e insondavel tumulo do Tempo. Talvez V. Ex. assistiu á bella festa do *Grupo Familiar*, onde não havia vestidos de seda de grandes caudas, nem casacas; mas onde, a par de uma extrema attenção para com todos da parte da digna directoria, havia muita ordem, cousa que não se nota ás vezes em algumas sociedades.

O concerto foi habilmente organizado pelo pianista, Sr. Cruz Ferreira e nelle tomaram parte as Exmas. Sras. D. D. Eliza Rosa de Andrade, Maria

Eliza de Andrade e Rita Duarte; e os Srs. Cruz Ferreira, Raphael de Agostini, Gregorio do Couto, Eduardo Hervey e J. Boisson, executando-se o seguinte programma:—*Sento una forza indomita*, duetto do *Guarany* para soprano e tenor; *Melodia*, de Poppe, para flauta; *Le Mulletier de la Tarragone*, de Paul Henrion, para barytono; *Danse des Sylphes*, solo para harpa, de F. Goddeffroid; *Delirio del cuore*, romance para canto, com acompanhamento de piano e violino, de Guido Papini; *Velocité*, estudo de concerto para piano, composição do Sr. Cruz Ferreira.

Ao amanhecer, depois de muita alegria, muitas polkas, valsas e quadri-lhas, todos se retiraram satisfeitos, e eu voltei com o coração ralado de saudades e... as pernas fatigadas.

LORGNON.

### THEATROS

#### POLYTHEAMA

Teve lugar neste theatró, no dia 27 do passado, a primeira representação do drama militar de grande espectáculo, «A guerra da Italia.»

E' no genero um dos melhores, tendo o enorme attractivo de apresentar em scena, a pé e a cavallo, o legendario Garibaldi, arengando ás tropas e sonhando com a unificação da Italia, o seu pensamento de todos os instantes.

Instrucção de recrutas, marchas, emboscadas, combates, musicas marciaes, lances patheticos, tudo isso se encontra no novo drama, montado—e, ao que parece, em boa hora—pela empresa Montedonio.

O desempenho foi, como é costume, muito satisfactorio. Montedonio mais uma vez provou os seus altos merecimentos de artista provector e consciencioso. Representou com immensa graça e perfeita naturalidade o seu papel de Manz, que já foi aqui desempenhado, ha annos, por Antonio Pedro.

D. Felicidade portou-se com toda a galhardia na sua parte de «vivandeira de Novara», Pestana egualmente na de «cabo instructor»; Sepulveda, Bellido, Gil, e as sras. dd. Adelina e Amelia de Bellido pouco deixaram a desejar. O sr. Gama apresentou um bello typo de Garibaldi, bastante fiel e que soube sustentar dignamente. Pena foi que tão mal soubesse o seu papel; e sabia-o tão mal que uma vez toda a sala o escutou dizer ao ponto: «Mais alto!»; o que deu vontade á gente de, por seu turno, dizer ao sr. Gama: «Mais baixo!» O drama foi montado com todo o esmero, e quanto á *mise en scène*, nada deixou a desejar.

Os espectadores, entre os quaes havia muitos compatriotas de Garibaldi, applaudiram viva e repetidamente a peça e os actores.

Desejamos que a «Guerra da Italia» se demore muito tempo no palco do Lucinda, proporcionando a Montedonio e á sua companhia a prosperidade a que têm direito.

O actor Primo da Costa vae, com a sua nova empresa, desencaiporando a *Phenix Dramatica*. Puderá! se as cadeiras continuarem a ser vendidas a mil réis e as peças que a empresa monta são, além de bem representadas, attractivas e cheias de situações commovedoras como o *Pirata Negro*, por exemplo.

Continúe, Sr. Primo da Costa, continue, que brevemente a *casa* será pequena para as *encomendas*.

Depois d'amanhã, fido corrente, verificar-se-á no Polytheama o espectáculo em benefício do habil e deslitoso actor Mauro de Bellido, que crudelissima enfermidade inutilisou para a arte.

O programma é variado e muito attraente. Alem da engraçada comedia *Scenas burguezas*, cantará Mlle. Rose Merys a novissima cançoneta *Amor de artista*, musica de Miguel Cardoso, letra de Aluizio Azevedo, D. Pepa cantará o *Grumele da Guanabara*, o impagavel Mattos fará o chistoso *Fuzileiro Apaixonado*, Montedonio recitará uma scena comica inteiramente nova para esta cidade, e outros artistas de nomeada farão cousas do arco da velha. Mesmo sem a circumstancia de ser o espectáculo em benefício do nosso pobre Mauro, deve elle chamar enorme concurrencia, pois que o programma, como se acaba de ver, é de fazer agua na bocca..

Queremos ver se na noite de 4 haverá no Polytheama logar para a cabeça de um alfinete. Queremos ver isso!

LUCINDA

*Fausto Junior* na noite de 31. Grande successo.

Villiot adoravel; encantadora, terrivel Peixoto um Valentim soberbo, pyramidal, unico! Bravos, Braga Junior!

## PARNASO ALEGRE

### SER E NÃO SER

(Modelo de soneto camoneano)

*Este amor que a existencia me affeioa,  
Cam ser não é, mas fóra, su não fosse;  
E com ter acabado, elle acabou-se,  
Qual sino que soou mas já não soa.*

*Comquanto má não sejas, não és boa,  
Pois deste causa ao meu soffrer atroce:  
Causa sem causa, doce mas não doce.,,  
Não quero o teu perdão, mas, oh! perdoa!*

*Vii-te e não vi-te; vira-te, se visse  
Que, em me vendo, me rias, te não vendo;  
Fugiras, se algum dia eu te fugisse,*

*Não fugindo, temendo e não temendo,  
Eu me morrêra, amor, se algo sentisse  
Que não este morrer que vou vivendo.*

MARCOS HENRIQUE.

## RECEITAS CULINARIAS

### CASTANHAS DE ANNO BOM

(MARRONS GLACÉS)

O preço dos marrons glacés no Rio de Janeiro é de oito a dez mil réis o kilo!

Com a receita que abaixo publicamos poder-se-á ter pelo mesmo preço uns quatro a cinco kilos desse precioso e aristocratico bombom.

Julgamos prestar um real serviço ás amáveis leitoras d'A Semana dando aqui

a receita dessas fructas crystalisadas que no dia de anno bom devem sempre apparecer em uma meza que se prese.

Tomem-se boas castanhas, tire-se-lhes a primeira casca, tenha-se uma panella d'agua fervendo na qual se hajam dissolvido duas colheres de farinha de trigo, mergulhem-se nella as castanhas, e quando entre a segunda casca e a castanha se puder introduzir a cabeça de um alfinete, devem ellas ser retiradas da panella.

Tire-se-lhes a casca vermelha e ponham-se as castanhas em agua morna; em seguida despeje-se a agua morna e deite-se agua bem fresca, lance-se fora esta agua e ponham-se as castanhas em assucar bem clarificado, façam-se ferver duas ou tres caldas, ás quaes se addicionará um pouco de sumo de limão. Retire-se do fogo a panella e deixe-se-a sobre o forno, fora do fogo, ou na fornalha, não estando esta muito quente, e deixe-se ali ficar até o dia seguinte. No dia seguinte retirem-se as castanhas do assucar, faça-se ferver um pouco o assucar, retirando-o do fogo, logo que esteja morno, colloquem-se nelle as castanhas, que devem ser mexidas ao calor do forno durante uma ou duas horas, conforme a espessura do assucar, esgote-se a calda definitivamente e deixem-se as castanhas secar separadamente depois de se as ter polvilhado de assucar.

E ahí vos dou, minhas senhoras, uma sobremeza deliciosa e barata para as vossas festas de anno bom.

Estou certo que, executando a receita, abençoareis

CABRION.

## Os diabretes de d. Anna

*Temporis et prixi facta referre...*  
TIBULLUS.

*Quem não teve, entre os seus, uma velha africana,  
Que embala o berço, e canta, e acarinha, e vigia?  
Que com historias, que valem pérolas, grãna  
Chimeras d'oiro, e as lança em nossa fantasia?*

*A nossa, tinha atraz do morro uma cabana,  
Vegetando agarrada à bronca penedia;  
Juncto della o moital, no moital a alegria  
De uma agua, que cantava ao vér chegar D. Anna.*

*Dizia a agua a saltar: — a D. Anna já veio!... —  
E à meia noite a velha, o rosario no seio,  
Feito o signal da cruz, ia à ponte espiar.*

*Riam-lhe d'agua então grupos de diabretes,  
Davam pulos no ar, jogavam-lhe os barretes...  
Lindos!... feitos de prata, em nesgas do luar!*

LUIZ DELFINO.

## FACTOS E NOTICIAS

Recebemos um exemplar da *Theoria elemental das funcções*, para servir de introdução ao estudo da algebra por Licinio Athanasio Cardoso.

A «theoria elemental das funcções» revela talento da parte do seu aucto; o sr. dr. Licinio Athanasio Cardoso pensamos, porém, que S. S. polia ter evitado muitas lacunas essenciaes que não nos é permittido apreciar nos limites desta noticia.

Citaremos para exemplo a sensível

falta de não ter S. S. tratado do principio fundamental do methodo dos limites para chegar à noção de derivada, dando desta funcção uma definição que, sobre ser pouco intelligivel, não é rigorosamente exacta. E' assim que a derivada ficaria com um caracter de indeterminação que não tem.

Em mathematica o methodo vale tanto como a doutrina, e conquanto S. S. se filiasse à mais methodica das escholas, não o foi na sua obra.

Tratando do dominio objectivo, e subjectivo, o auctor parece não se ter comprehendido de sua verdadeira noção.

E' provavel que nos occupemos, mais tarde, desta obra com o desenvolvimento que pede a sua importancia.

Recabemos um exemplar da these inaugural do sympathico e intelligentissimo dr. José Ribas Cadaval, que escolheu, para dissertação, o seguinte importante puncto: — *Da alimentação nas primeiras edades; estudo critico sobre os diferentes methodos de aleitamento.*

Serviram como arguidores desse recommendavel trabalho os illustrados lentes drs. Benicio de Abreu, Cypriano de Freitas, Domingos Freire e Martins Costa, que não pouparam elogios ao distincto doutorando e puzeram em saliencia o estylo facil, extrema clareza e boa argumentação, sustentados desde principio até o fim dessa mesma dissertação.

E' uma these que deve ser lida pelas mães de familia e por todos que se preocupam com a prosperidade physica das crianças, e seu auctor mostra claramente na prefacção, que teve sempre isso muito em vista. Transcrevemos suas textuaes palavras:

«Devem trabalhos desta ordem poder aproveitar aos leigos na materia, ás mães e a todos que se interessam pela vida e regular desenvolvimento das crianças.

«São numerosos os exemplos de illustrados medicos que se põem dado ao trabalho de escrever precisamente nesse humanitario fim, isto é, o da divulgação dos melhores preceitos conquistados pela observação e experimentação scientificas.»

O dr. Ribas Cadaval conseguiu brilhantemente seu desideratum e cumprimentando-o pela justiça que lhe fizeram seus mestres, recommendamos sua these, como uma das melhores sobre tão delicado quanto utilissimo assumpto.

«OS CRICHANÁS»

O Sr. Olympio de Niemeyer acaba de publicar OS INDIOS CRICHANÁS, noticia ethnographica.

Esta util obrinha não é mais do que a série de artigos pelo seu auctor publicada na *Gazeta da Tarde*, e a sua edição em volume tem o duplo intuito de «commendar áquelles que se derem ao trabalho de folhear essas paginas um dos mais sympathicos e notaveis nomes de brasileiros—o Dr. João Barbosa Rodrigues, e prestar uma sincera homenagem á memoria da Mãe daquella, a quem devendo o auctor o ser, deve, por consequencia, a maior somma de beneficios».

De muito tempo ligado ao illustre botânico brasileiro por amistosas relações e dedicando-lhe sincera estima, propoz-se o laborioso e digno moço a descrever as arriscadas e proveitosas excursões feitas pelo Dr. Barbosa Rodrigues, a *Mauahú* e ao rio *Jauapery*, para indo encontrar em suas malocas, nunca dantes visitadas, os temiveis *Crichanás*, reduzil-os á civilisação por meios brandos e com expedientes engenhosos de pacificação.

Todos os episodios dessa bemdicta campanha civilisadora são narrados pelo Sr. Nicmeyer em linguagem agradável e fluente, com despreocupação e estylo colorido e pittoresco.

Recomendamos a leitura do seu livrinho: ella deleita e instrue.

Chegou de Lisboa, no dia 31 do passado o illustre poeta brasileiro Luiz Guimarães Junior. Comprimntamos-o com toda a cordialidade, satisfeitos por ver o nosso laureado confrade restituído, embora temporariamente, ao seio da patria que tanto o admira e a que elle tanto honra e ama.

Estão na Corte Léo d'Affonseca e Fontoura Xavier, aquelle vindo de S. Paulo, onde redige com Gaspar da Silva o magnifico *Diario Mercantil*; o segundo vindo do Rio Grande com destino ao seu consulado de Baltimore. Comprimntamos-os cordialmente.

Está na Corte com sua Exma. familia o nosso estimado e distinctissimo collaborador dr. Lucio de Mendonça, advogado em Va'ença. Teremos talvez o prazer da sua companhia durante as férias forenses.

Realisaram-se ultimamente, na villa de Sapucaia, os exames de fim de anno lectivo no collegio de meninas fundado ha seis annos e dirigido pela Exma. Sra. D. Amalia Drummond de Mendonça Moreira, irmã do nosso collaborador dr. Lucio de Mendonça.

A' noite houve, antes do baile, uma magnifica exposição de trabalhos de agulha, crivo, crochet, a frôco, massa, missanga, lã, etc.

A folha local refere-se a esses exames e ao collegio *Primeiro de Julho* com grandes louvores.

Lucio de Mendonça promette-nos para muito breve mais um capitulo das suas *Horas do bom tempo*, que tanto agradaram.

Nesse capitulo se occupará com um dos mais famosos typos de rua que teve S. Paulo nos seus aureos e saudosos tempos de cidade dos estudantes.

#### A MINHA SOGRA!

Os Srs. J. Cypriano & C., estabelecidos com arazem de louca á rua da Qui-tanda n. 85 B, offereceram-nos, como presente de festas, uma bella chicara de porcelana, com o respectivo pires, tudo de uma grande simplicidade, mas de feitto elegante. Na chicara, a bellas letras doiradas, vê-se este terrivel distico:

«A minha sogra!...»

Sem querermos nem de leve desvendar os fundos arcanos que levaram o incognito genro a inscrever tão audaciosa dedicatória, nós calamos-nos prudentemente, protestando em silencio que a nossa sogra não apanhará o presente do Sr. Cypriano. Isso é que não.

Era em eguaes vasos que as Borgias e as Braviliers ministravam toxicos... aos genros do seu tempo!...

Em todo caso, os nossos agradecimentos aos Srs. Cypriano & C. pelo delicado presente.

Com o numero de 30 do mez passado completou *O Apostolo* o seu 20.º anno de existencia. Por menos que sympathisemos com as idéas do nosso veneravel collega, não podemos deixar de comprimental-o pelo festivo anniversario; e fazemol-o, reconhecendo com todo o prazer que o nosso collega tem «clamado sem cessar», apezar de todos os pezares, em prol dos principios que desde o seu começo tem sustentado.

#### OS IRMÃOS DE JOSÉ CASTILHO

Para a subscrição que abrimos em favor dessas infelizes crianças, recebemos mais o seguinte donativo:

Exma. Sra. D. S. de M. 10\$00

No proximo numero daremos conta das informações que a respeito do paradeiro e estado d'essas crianças pudemos obter.

## CORREIO

—*Sr. Ali Memour*. O seu sonetinho, não obstante não conideral-o inteiramente condemnavel, não é, contudo, o que se chama um primor artistico; não é tão pouco um aleijão, mas, o que é innegavel é que se encontra o seu tanto ou quanto de fraqueza nas articulações deste soneto, salvo seja.

Submetta-o a um rigoroso regimen ana-leptico: duchas de boa metrificação, acompanhadas de algumas doses de pó da Inspiração, que elle com certeza ficará restabelecido; e, convalscente, poderá vir dar um passeio pelas columnas da collaboração, onde será recebido com prazer.

—*Sr. Nessuno*. Pois s. s. que vive como a flor das ermas praias (a chorar pitangas, talvez), segundo confessa nas suas *Tristezas á beira mar*, quer ter entrada n' *A Semana*, essa encantada gruta enxada pelos pampans da esperanza, habitada por uma mocidade que nunca foi atacada pelas maleitas da *melancholia*, e pelo marasmo do desalento, nessa gruta onde não cocitam os mochos da *sorumbancia*, mas, sim, som ruidosamente e festivamente os cristalos da alegria e despreoccupação? Pois é mesmo aqui que o sr. quer entrar com as suas charradeiras, na idade, talvez, em que só se deve rir e atirar o ridiculo de pança para o ar com o tabefe de uma chufria? Ora, meu amigo, esqueça-se disto! Alem do mais vem-me o senhor com manto de seda, arnar uma calunnia á estafada bo-boleta azul! que ella, diz-me vossa mercê lá na sua, é a amante das verdes samambaias! Nada, meu amigo, não posso publicar o seu soneto! Assim, não!

—*Sr. G. Ossoffa*. Vossa mercê, já pelo seu pseudonymo, começa a desgostar-nos horriavelmente. Um poeta que se presa nunca se vira pelo avesso! Só os poetastros de meia ligeira é que procedem por esta forma! Então a gente é tão cata-cega que não esteja a bispar pelas rupturas da mascara do pseudonymo que vocemecê é o Affonso?! Ora, tire o seu cavallo da chuva! Emquanto ao seu *Desejo*, nada temos feito. Demais a gente querendo d'isto, vai á estante, escancara o Casimiro d'Abreu, e encontra ahi cousa papa-fina no genero piegas! Não posso, porém, concluir sem confessar que ninguem lhe leva a palma como patusco jubilado! Senão, vejam:

«Frio não hei de padecer!  
Teu beijo  
Virá risonho me aquecer  
Com um beijo!...»

Maganão! Com capotes desta ordem tomara eu sempre agasalhar-me das rajadas do inverno! Emfim, meu amigo, contente-se com a inserção da estrophe acima... e lauba o beijo.

—*Sr. Antonio Carlos Mayrink*. Com verdadeira magia o digo: nunca *A Semana*, poderá, em toda a sua vida, publicar o *Noivado no Sepulcro* em segunda mão. Se nós tivéssemos

um necroterio n' *A Semana* nelle collocariamos a sua preia que tem por idéa um morto: E com que graça imitativa morreu este illustro morto:

«Cahiu exausto na mansão da morte  
Onde campeia solitaria a cruz!...»

Que a terra lhe seja leve. O mais que podemos para lhe sermos agradaveis, é pedir ao pianographo do botequim cá de baixo, que martelle ao piano o *Era no outono* e entrarmos nós, cá de cima, a recitar, com a compuncção que o caso solicita, as suas inspiradas estrop.es. Quanto á publicação della, n'est pas de possibilidade.

## RECEBEMOS

—*Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa*, no Brazil. 2.ª serie n.º 2. E' s u director o illustado Dr. Zeferino Candido.

—*A Estação*, que vem, como sempre, recheiada de figurinos mirabolantes, capazes de tresloucar o cerebro feminino mais asi-sado.

—*Catalogo da Bibliotheca da Associação «Gremio Litterario»*.

—*Philologia Portuguesa*, (notas de leitura). «Da negação intensiva», pelo acreditado professor Lameira de Andrade. Daremos noticia proximaemente.

—*União medica*, revista mensal, reiligida pelos Drs. Mancorvo, Silva Araujo e Vieira de Mello. Anno V, Fasc. 12.

—*Tropicaes*, poesia e prosa de João Duarte Filho e Gaspar de Barros Falcão. Daremos depois a nossa opinião.

—*Pensées*, recetelies par Draumor (Fernando Schmid). Diremos depois.

—*O Diabrete*, jornal bahiano. Uma verdadeira cocada. Ns. 11, 12, c 13.

—*O sol, ether, manchas e erupções solares, magnetismo*, etc. Importante preleção feita em 18 de novembro de 1885, na Escola Polytechnica, pelo Dr. Castro Lopes.

—*These do Dr. José Ribas Codaval*. Dizemos d'ella na secção *Factos e noticias*.

—*O Gaturamo*, passaro multi-côr, sob a forma de um jornal, que gorgeia em Sapucaia. Ns. 7 e 8.

—*Revista Illustrada*, n. 423. Sempre a distillar espirito e bom humor.

—*O Mequetrefe*, com as habituaes diabru-ras e optimos desenhos. N. 394.

—*Correio da Europa*, n. 24 e 25. Tido o elogio que se lhe faça é pouco; por isso não lhe fazemos nenhum.

—*O Domingo*, o scintillante e amabilissimo collega de S. João d'El-Rey que a cada numero mais attrahente se torna.

—*Chronica Franco-Brazileira*, n. 4. Confor-me o costume, traz artigos esplendidos. Ora já se sabe, redigida por Lopes Trovão...

—*O Palinuro*, órgão litterario, de Todos os Santos. N. 1. Traz poesias que é um nunca acabar. Mil felicidades ao collegui-nha.

—*Revista dos novos*. Publicação mensal de S. Paulo. N. 5. Traz na lista dos seus colaboradores os synpathicos e festejadissimo; nomes das distinctas escriptoras e nossas collaboradoras as Exmas. Sras. DD. Julia Lopes e Adelina Vieira. E' bastante isto para se lhe poder augurar brilhante futuro.

—*Distracção*, N. 64.

—*O Chic*, jornal reclamo e de grande espirito, publicado em Nitheroy. Proprietario Queiroz Moço. Que o *Chic* desminta o appellido do seu proprietario.